

A REVISTA DE QUEM EDUCA

NOVA

# escola

ESTUDOS E  
PESQUISAS



Fundação  
Victor Civita

## Por que tão poucos querem ser professor

Pesquisa com 1.500 alunos do Ensino Médio revela: a carreira docente não atrai (quase) ninguém. Mas há solução: especialistas apontam oito propostas para reverter o problema

# Uma carreira desprestigiada

Levantamento realizado pela área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita comprova uma percepção alarmante: a profissão docente não é considerada uma opção atraente pelos estudantes do Ensino Médio. Segundo a sondagem, só 2% desejam cursar Pedagogia ou Licenciaturas

RODRIGO RATIER [rratier@abril.com.br](mailto:rratier@abril.com.br)

“Se você comentar com alguém que está pensando em ser professor, muitas vezes a pessoa pode dizer algo do tipo: ‘Que pena’ ou ‘Meus pêsames!’. Afinal, sabe que você vai ser desvalorizado e obter uma remuneração ruim.” É com essa chocante clareza que Thais\*, aluna do 3º ano do Ensino Médio de uma escola particular em Manaus, sintetiza uma noção preocupante para a Educação brasileira: cada vez menos jovens desejam seguir a carreira docente.

Embora essa impressão tenha se espalhado até mesmo entre quem não é da área, faltava dimensionar com contornos mais nítidos a extensão do problema. A área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita (FVC) encomendou à Fundação Carlos Chagas (FCC) um mergulho no tema e os dados comprovam: apenas 2% dos estudantes que estão concluindo o Ensino Médio têm como primeira opção no vestibular graduações diretamente relacionadas à atuação em

sala de aula – Pedagogia ou alguma Licenciatura. Outros 9% mencionam a intenção de cursar disciplinas da Educação Básica, como Letras, História e Matemática, o que não garante que venham a se interessar por lecionar (*confira mais detalhes no gráfico da página seguinte*).

**A pesquisa ouviu 1.501 alunos de 18 escolas públicas e privadas** Patrocinado pela Abril Educação, o Instituto Unibanco e o Itaú BBA, o estudo *Atratividade da Carreira Docente no Brasil* é mais uma iniciativa da FVC para contribuir para a melhoria da qualidade da Educação Básica. A pesquisa ouviu 1.501 alunos de 3º ano em 18 escolas públicas e privadas de oito municípios, selecionados por seu tamanho, abrangência regional, densidade de alunos no Ensino Médio e oportunidades de emprego. Foram contempladas as cinco regiões do país. No Sul, as cidades escolhidas foram Joinville e Curitiba; no Sudeste, São Paulo e

Taubaté; no Centro-Oeste, Campo Grande; no Nordeste, Fortaleza e Feira de Santana; no Norte, Manaus.

Para entender melhor as respostas fornecidas pelos estudantes no questionário geral, o estudo contou ainda com uma fase de grupos de discussão, em que dez alunos de cada escola debateram o assunto e detalharam opiniões. Por fim, com as informações já compiladas, um painel de especialistas foi convidado a avaliar os resultados e propor soluções sobre o problema da atratividade docente.

Esta edição especial de NOVA ESCOLA traz os principais resultados da sondagem. Ao longo das próximas páginas, você vai conhecer em detalhes o que os jovens estudantes brasileiros pensam da docência como uma opção profissional. Em linhas gerais, apesar de reconhecerem a importância do professor, os entrevistados afirmam que a profissão é desvalorizada socialmente, mal remunerada e possui uma rotina desgastante e desmo-

tivadora. Para a grande maioria, não é uma carreira interessante a seguir (*leia mais no texto da página 6*).

## Perfil dos futuros professores e possibilidades de mudança

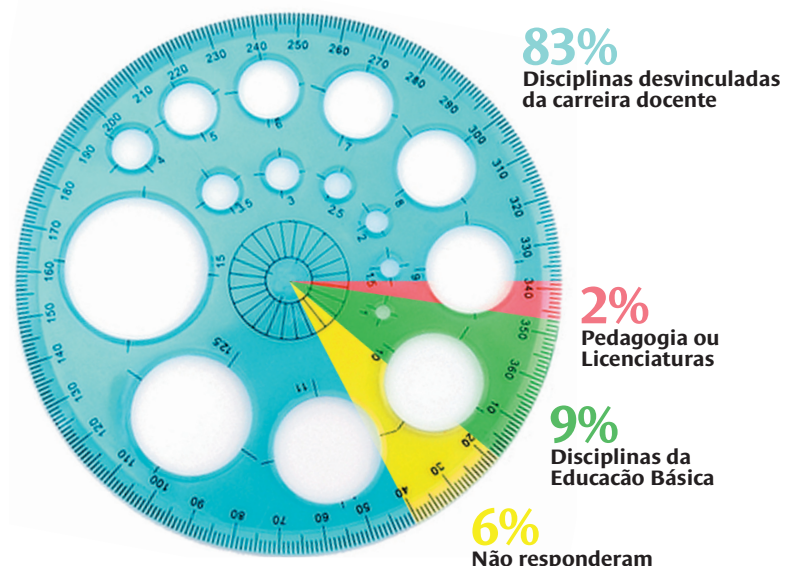
A pesquisa também permite construir um perfil dos futuros professores do país. Nesse sentido, é útil analisar a lista das carreiras mais procuradas de acordo com o tipo de instituição em que os jovens estudam. Nas escolas públicas, a Pedagogia aparece no 16º lugar das preferências. Nas particulares, apenas no 36º. A situação se repete também com as Licenciaturas – que, somadas, ocupam o 24º posto na rede pública e o 37º na particular (*como mostra o gráfico à direita*). “Isso evidencia que, atualmente, a profissão tende a ser procurada sobretudo por jovens da rede pública de ensino, que em geral pertencem a nichos sociais menos favorecidos”, afirma Bernardete Gatti, pesquisadora da FCC e supervisora do estudo (*leia mais na reportagem da página 12*).

Depois de obter um diagnóstico completo, o estudo deu ênfase à proposição de alternativas para reverter a situação. Para apontar soluções, a FVC e a FCC convidaram 17 especialistas de diversas áreas da Educação para um debate em novembro do ano passado. O consenso é o de que se deve atacar o problema por diversas frentes, do aumento salarial à melhoria das condições de trabalho, da proposição de planos de carreira à revisão das formações inicial e continuada, passando pela necessidade de valorizar o professor e tratá-lo como profissional (*leia mais na reportagem da página 14*).

Ao todo, são oito sugestões práticas, que podem ajudar a desatar o nó identificado por outra jovem do Ensino Médio, Cláudia\*, aluna de escola pública em Feira de Santana, a 119 quilômetros de Salvador: “Hoje em dia, quase ninguém sonha em ser professor. Nossos pais não querem que sejamos professores, mas querem que existam bons professores. Assim, fica difícil”.

## FUGINDO DA SALA DE AULA

Pedagogia e Licenciaturas são a escolha de apenas 2% dos entrevistados. Interesse é um pouco maior entre alunos da rede pública (*à direita*).



Fonte: Pesquisa *Atratividade da Carreira Docente no Brasil* (FVC/FCC)

## Os cursos mais desejados

Escola pública	Escola particular
DIREITO – 1º	1º – DIREITO
ADMINISTRAÇÃO – 2º	2º – ENGENHARIA
ENGENHARIA – 3º	3º – MEDICINA
PEDAGOGIA – 16º	
LICENCIATURAS – 24º	
36º – PEDAGOGIA	
37º – LICENCIATURAS	

\* Ao longo deste especial, os nomes dos alunos ouvidos pela pesquisa foram trocados para preservar a confidencialidade do estudo. Os jovens que aparecem nos depoimentos em destaque são identificados normalmente, pois foram entrevistados pela equipe de NOVA ESCOLA.

# Por que a docência não atrai

Baixos salários, desvalorização social e más condições de trabalho. De acordo com os resultados do estudo da Fundação Victor Civita, esse conjunto de fatores afasta a maioria dos alunos que em algum momento chegou a pensar em se tornar professor

FERNANDA SALLA e RODRIGO RATIER [rratier@abril.com.br](mailto:rratier@abril.com.br)

\* Ao longo deste especial, os nomes dos alunos ouvidos pela pesquisa foram trocados para preservar a confidencialidade do estudo. Os jovens que aparecem nos depoimentos em destaque são identificados normalmente, pois foram entrevistados pela equipe de NOVA ESCOLA.

Sim, o professor é fundamental para a sociedade e exerce um trabalho importante, nobre, gratificante e de muita responsabilidade. Mas, não, obrigado, não queremos ir para a sala de aula. É isso que diz a maior parte dos jovens brasileiros hoje. O trabalho é mal remunerado e o docente é confrontado pelos alunos, esquecido pelo governo e desvalorizado pela sociedade. Na pesquisa da Fundação Victor Civita (FVC) e da Fundação Carlos Chagas (FCC), apenas 2% dos estudantes do terceiro ano apontaram a Pedagogia ou algum tipo de Licenciatura como primeira opção de carreira.

Esse resultado bate com o panorama dos maiores vestibulares do país. De acordo com o Censo da Educação Superior de 2009, Pedagogia, Licenciaturas e outros cursos ligados à formação de professores têm uma relação candidato/vaga bastante desfavorável (como mostra o gráfico na página seguinte). O maior vestibular do país, promovido pela Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), oferece 109 opções de cursos. E a graduação em Pedagogia no campus de São Paulo está na 90ª posição – no de Ribeirão Preto, é ainda pior: 92ª. Licenciaturas e disciplinas da Educação Básica são ainda menos procuradas pelos jovens (confira o ranking na página seguinte).

O estudo da FVC/FCC revela outro dado interessante. Os pesquisadores perguntaram aos 1.501 alunos entrevistados na parte quantitativa da análise se em algum momento do processo de escolha profissional eles haviam cogitado trabalhar como professor – e 32% responderam que sim. Porém quase todos logo descartaram a ideia. A questão voltou a ser abordada nos grupos de discussão, gerando reações que iam da surpresa ao riso. Como explica Ivan\*, que estuda numa escola particular em Campo Grande:

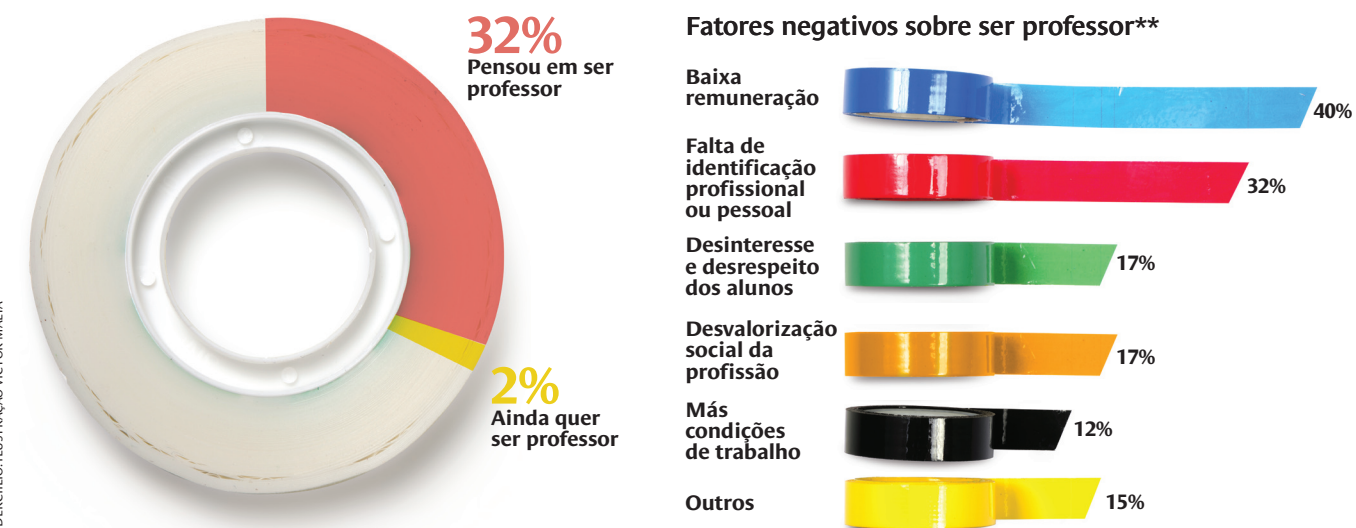
“Já pensei em ser professor, só que desisti rápido. Não tenho essa vocação, essa habilidade”. Nas palavras de Carlos\*, aluno da rede pública de Fortaleza, “já imaginei me tornar professor de Inglês, mas foi só por um momento”.

## Baixa remuneração não atrai jovens das classes mais altas

Investigar as razões para essa desistência em massa ajuda a compor o painel da baixa atratividade da carreira docente (o gráfico abaixo mostra os fatores que mais afastam os jovens). Analisando os aspectos negativos da profissão, 40% apontaram a baixa remuneração. Outros fatores são o desgaste da profissão (leia o depoimento na página 9) e os salários ruins. Ainda mais no atual contexto de ampliação do mercado de trabalho, com novas graduações pipocando a cada ano nas universidades. “A alta expectativa em adquirir bens, motivada pela sociedade de ➤

## PENSO, LOGO DESISTO

Cerca de um terço dos entrevistados cogitou a ideia da docência, mas acabou se afastando pelos fatores negativos ligados à carreira.



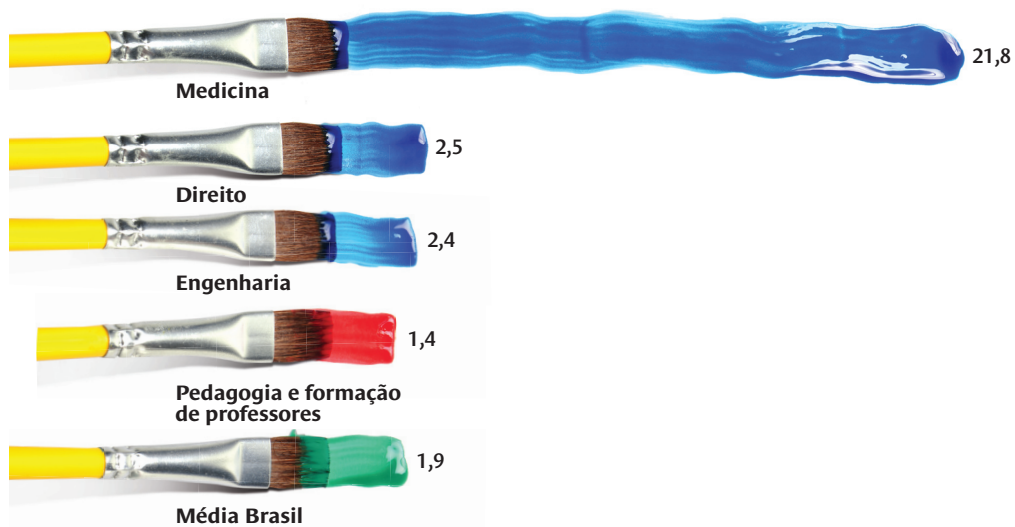
FOTOS: DERCILIO. ILUSTRAÇÃO: VICTOR M. ALTA

\*\* Entre os entrevistados que pensaram em ser professor. Fonte: Pesquisa Atratividade da Carreira Docente no Brasil (FVC/FCC)

## PRESTOU, PASSOU

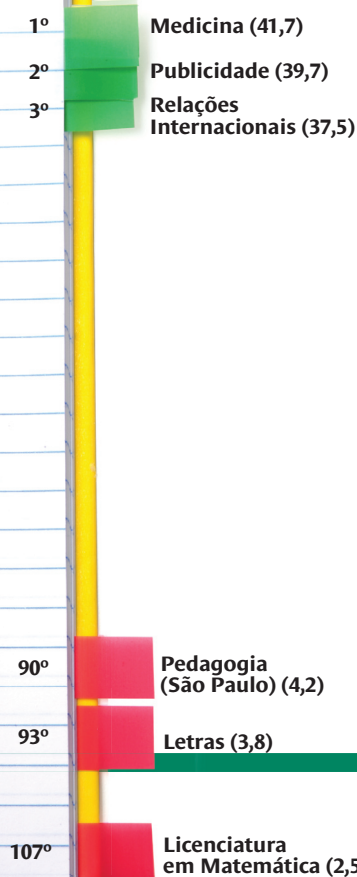
Na média das universidades brasileiras e no maior vestibular do país, a relação candidato/vaga dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas é uma das mais baixas.

Relação candidato/vaga



Fonte: Censo da Educação Superior 2009.

Relação candidato/vaga



Fonte: Fuvest 2010.

➔ consumo e pelo apelo das novas tecnologias, faz com que a questão salarial tenha grande peso na hora de escolher a carreira”, afirma Patrícia Cristina Albieri de Almeida, pesquisadora da FCC e uma das coordenadoras do estudo. “Além disso, os estudantes levam em conta a possibilidade de a profissão dar condições mínimas para sustentar o padrão de vida conquistado pelos pais. No caso das classes mais abastadas, a docência não cumpre esse requisito.”

Um segundo grupo de motivos para não considerar a docência como uma possível carreira tem a ver com a falta de identificação pessoal ou profissional, apontada por 32% dos que chegaram a pensar em ser professor. Nas palavras dos jovens, essa é uma profissão que exige “vocaçã”, “dom”, “amor” – ou seja, as questões técnicas do trabalho estão extremamente desvalorizadas. “Um professor tem que ter o dom, tem que ser uma pessoa iluminada para poder ensinar”, opina Ana\*, de uma escola particular de Curitiba. Sua colega Roberta\* concorda: “O essencial é ter vocaçã e muita paciência para lidar com as pessoas”.

### Vista como sacerdócio, carreira não exige retorno financeiro

“Ao enxergar a docência como um sacerdócio, os jovens de certa forma reforçam o sentimento de que o professor não tem sequer o direito de exigir uma compensação financeira por seu trabalho, devendo simplesmente amar o que faz”, avalia Patrícia. Nos grupos de discussão realizados em escolas particulares, alguns estudantes chegaram a mencionar que poderiam atuar em sala de aula como um hobby ou uma ação humanitária paralelos à profissão “oficial”. Para os especialistas, essa concepção equivocada é até justificável. “No dia a dia da sala de aula, o aluno vê as dificuldades do professor e,

como o considera tão desvalorizado, só justifica essa opção por atuar na escola como um dom”, argumenta Ângela Imaculada Loureiro de Freitas Dalben, professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

O cotidiano escolar é apontado diretamente como uma fonte de desistência num terceiro grupo de respostas, que inclui o desrespeito e o desinteresse dos alunos (*leia o depoimento abaixo*) e as más condições de trabalho (*leia o depoimento da página 11*). Vários jovens afirmam que não se sentem atraídos pela docência pelo que presenciam nas próprias salas de aula. Jorge\* é representante de turma numa escola particular em Campo Grande e diz: “Se quando tenho de falar com meus colegas por cinco minutos já é complicado, imagine o professor, que dá seis aulas de 50 minutos para quem não quer prestar atenção”. Também não passam despercebidas a necessidade constante de estudo (*leia o depoimento da página 11*) e as atribuições que extrapolam o horário letivo, como lembra Leila\*, estudante de escola pública em Feira de Santana, a 119 quilômetros de Salvador: “Depois de trabalhar em vários turnos, muitos ainda têm de chegar em casa, elaborar aula e prova e tudo mais.”

### Comprovação prática para as suspeitas dos especialistas

Vistas em conjunto, as percepções sobre o trabalho do professor captadas pela pesquisa mostram uma profissão cada vez mais complexa – os jovens entendem e mencionam dificuldades recentes, como o aumento da violência e da agressividade –, porém mal recompensada e sem capacidade de atração. “O grande mérito do estudo é trazer evidências empíricas para o que já intuíamos”, afirma Denise Vaillant, coordenadora do Programa de Desenvolvimento do Pro-

## Salário não compensa o desgaste



MARINA PIEDADE

“ Sempre quis trabalhar com algo que me trouxesse não só satisfação profissional mas também ajudasse de alguma forma a sociedade. Por isso, escolhi Engenharia Ambiental. Nem passa pela minha cabeça ser professora. É muito trabalho em sala de aula, desrepeito, obrigação de corrigir provas e ler trabalhos... É desgastante e o salário é baixo para passar por tudo isso. Hoje o mundo está voltado para ganhar dinheiro, então quem quer seguir a carreira tem que fazê-lo por outras razões. ”

BRUNA OLIVEIRA DANTAS, 17 anos, aluna do 2º ano do Ensino Médio na rede particular de Brasília, DF

## Falta valorizar o profissional

“ Nunca pensei em ser professora: minha opção atual é Medicina. Não tenho paciência para ensinar, mas concordo que é uma carreira bonita. O problema é a desvalorização. Falta respeito por parte dos alunos. Tive a oportunidade de estudar nos Estados Unidos e lá é bem diferente, pois os docentes são valorizados. Caso decidisse ser professora, acho que meus pais me pediriam para pensar melhor porque é preciso se dedicar sem ver retorno. ”

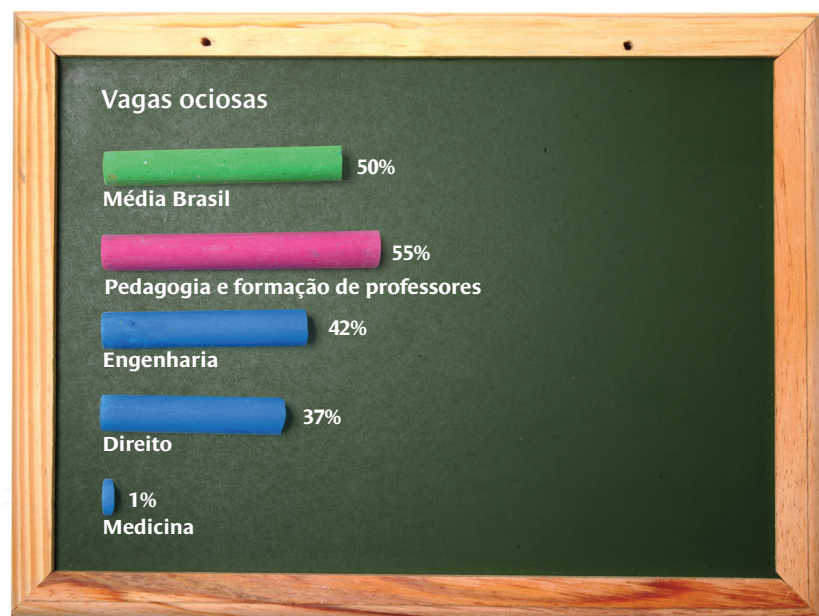
MARIANA DELLA COLLETA FLEURY, 17 anos, aluna de cursinho pré-vestibular em São Paulo



MARINA PIEDADE

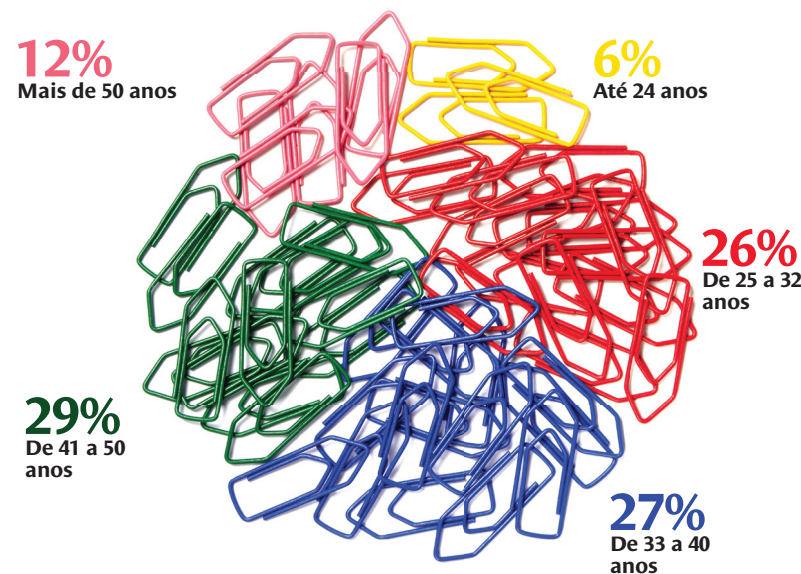
## VAI FALTAR GENTE

Número de vagas ociosas nos cursos de Pedagogia e formação de professores é alto. Enquanto isso, corpo docente envelhece.



Fonte: Censo da Educação Superior 2009.

## Faixa etária dos professores brasileiros



Fonte: MEC/Inep/Deed, Sinopse Estatística do Professor (2007).

Profissional Docente na América Latina e Caribe (Preal). “A triste realidade é que a docência se transformou em uma opção por descarte. Se um amigo ou filho nos diz ‘quero ser professor’, nós mesmos muitas vezes respondemos, com a mão no coração: ‘Pense em outra coisa.’”

O Brasil já experimenta as consequências do baixo interesse pela docência. Estatísticas de 2006 do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) indicam que os profissionais do ensino constituem o terceiro grupo ocupacional mais numeroso do Brasil: 8,4% dos trabalhadores – em números absolutos, cerca de 2,9 milhões de postos de trabalho. Perdem apenas para duas categorias reconhecidas como grandes absorvedoras de mão de obra: os escriturários (15,2%) e os trabalhadores do setor de serviços (14,9%). E ficam à frente dos trabalhadores da construção civil (cerca de 4% da força de trabalho).

## Faltam 710 mil docentes com formação adequada à área

O problema é que não há candidatos suficientes para suprir, com qualidade, as vagas disponíveis. De acordo com uma estimativa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais Anísio Teixeira (Inep), ligado ao Ministério da Educação, só no Ensino Médio e nas séries finais do Ensino Fundamental o déficit de professores com formação adequada à área que lecionam chega a 710 mil. É o que os especialistas chamam de “escassez oculta”, que se registra quando o ensino é exercido por pessoas não plenamente qualificadas a ensinar para determinado nível escolar ou disciplina. A situação mais crítica ocorre nas ciências exatas. Em áreas como a de Física, o percentual de docentes graduados no campo de saber específico é de apenas 25,2%. Na de Química, o total é de 38,2%.

O panorama é ainda mais grave se

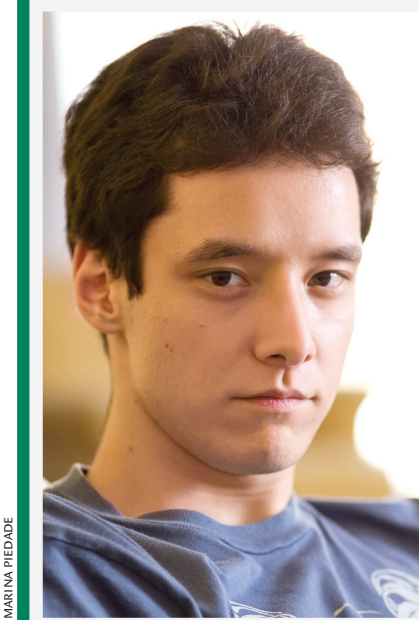
considerarmos que 41% do corpo docente tem 41 anos ou mais – ou seja, está relativamente próximo da aposentadoria (como se vê no gráfico da página ao lado). Além disso, a julgar pelos resultados dos mais recentes Censos Escolares da Educação Básica, começam a se avolumar evidências de que o número de aposentadorias tende a superar o número de formandos nos próximos anos.

Vale repetir que esse quadro não tem nada a ver com falta de vagas nas universidades. “Entre 2001 e 2006, houve crescimento de 65% no número de cursos de licenciatura. As matrículas, porém, aumentaram apenas 39%”, afirma Bernardete Gatti, pesquisadora da FCC e supervisora do estudo. Segundo o Censo da Educação Superior de 2009, há 55% de vagas ociosas nos cursos de Pedagogia e formação de professores – número acima da média das outras carreiras (leia o gráfico na página ao lado).

## Escassez tende a piorar com a expansão da Educação Básica

Finalmente, um último aspecto inquietante diz respeito ao impacto da falta de docentes no aprendizado dos alunos. Dados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa) destacam a relação entre a escassez (e a má formação) dos professores e o desempenho dos estudantes nesse exame internacional. No Brasil, o problema tende a se intensificar com a expansão das matrículas projetadas com a universalização do Ensino Médio e da Educação Infantil nos próximos anos – agora que foi aprovada a lei que torna obrigatória a escolarização de crianças e jovens de 4 a 17 anos. A questão não se resume a atrair urgentemente mais e mais candidatos. Trata-se de criar mecanismos para atrair os mais bem preparados, como você vai ler na próxima reportagem desta edição especial.

## A violência afasta das salas



MARINA PIEDADE

“Parece que ninguém dá muita bola para os professores. Nem o governo, nem as famílias, nem os alunos. Falta estrutura para trabalhar e isso é um problema. Para atrair bons profissionais, primeiro é preciso melhorar as escolas, principalmente as públicas, que, em geral, são precárias. Só que isso exige muito investimento. Com toda a violência sofrida pelos professores, as pessoas não se sentem seguras para escolher essa profissão. É preciso ter muita paciência. Não é para mim.”

RENATO PALADINO NEMOTO, 18 anos, aluno de cursinho pré-vestibular em São Paulo

## Quantidade de estudo atrapalha

“Quando era menor, pensava em ser professora, mas, depois que vi como a rotina é difícil, desisti. Quase ninguém quer seguir essa carreira. A razão para isso é que muitos alunos não têm interesse em estudar e essa profissão acaba sendo uma extensão do estudo para eles. Quem não tem vontade de aprender também não tem para ensinar. Quero seguir a carreira administrativa. Na minha classe, a maioria quer fazer outras coisas, como Medicina e cursos na área de tecnologia.”



PAULA BIBIANO DE MORAES, 18 anos, aluna do 3º ano do Ensino Médio na rede pública de São Bernardo do Campo, SP

MARINA PIEDADE

# Nossos futuros professores

Resultados da pesquisa confirmam mudança de perfil entre os que escolhem a docência. Maior parte dos candidatos vem de famílias de baixa renda e pouca escolarização, estudou em escola pública, trabalha para pagar a graduação e faz parte de um grupo com fraco repertório cultural

FERNANDA SALLA e RODRIGO RATIER [rratier@abril.com.br](mailto:rratier@abril.com.br)

Diversos estudos recentes indicam que está se consolidando um novo perfil de candidato à docência: mais empobrecido, estudante de escola pública e com pequena bagagem cultural. As informações da pesquisa *Atratividade da Carreira Docente no Brasil* confirmam esse panorama. Na sondagem da FVC/FCC, apenas 31 dos 1.501 estudantes pesquisados desejam ser professor. Alguns achados saltam aos olhos. Dos 31 alunos que querem ser professor, 27 (87% do total) são de escola pública. E a grande maioria, 24 (77%), é mulher.

Em relação à escolarização, a tendência é que, quanto maior o nível de instrução dos pais, menor a intenção de ser professor. Entre os que se declaram candidatos à docência, cerca de metade tem pai que chegou a cursar além do Ensino Fundamental. Entre os que não pretendem ser professor, esse percentual sobe para 68%. Os pais com Ensino Superior também são mais numerosos entre os

que não querem atuar em sala de aula: 31%, contra 16% dos que escolheram a docência como profissão.

As estatísticas oficiais apontam na mesma direção. De acordo com dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) de Pedagogia, cerca de 80% cursaram o Ensino Médio em escola pública (68% só estudaram nesse tipo de instituição) e 92% são mulheres. Em termos socioeconômicos, 39% vêm de famílias com até três salários mínimos de renda mensal (a maioria, 50%, situa-se na faixa entre três e dez salários) e três em cada quatro trabalham (*saiba mais no quadro da página seguinte*).

## Fatores externos ajustam a escolha profissional à realidade

Dois fatores foram elencados pelos jovens como os mais atraentes para a escolha da carreira: a possibilidade de trabalhar com crianças e ensinar e transmitir conhecimentos (*como se vê no depoimento na pági-*

*na seguinte*). De fato, outros estudos confirmam que o professor se ampara em valores altruístas e se vê como um agente de transformação social, reforçando a ligação entre a docência e o prazer de trabalhar com a aprendizagem.

Mas a opção de se tornar professor também sofre forte influência de fatores externos, que acabam ajustando a escolha profissional à realidade. Conscientes das dificuldades que enfrentarão para passar num curso superior, adolescentes de baixa renda escolhem carreiras mais próximas de suas possibilidades, levando em conta o baixo custo da mensalidade, a facilidade de ser admitido e a rápida obtenção de um emprego.

A soma desses fatores tem levado à docência um grupo com fraca bagagem cultural. Ainda segundo o Enade, 45% dos futuros professores declaram conhecimento praticamente nulo em Inglês. Quando o recorte foca apenas os ingressantes nas graduações de Pedagogia (no

caso, por meio dos dados do Exame Nacional do Ensino Médio de 2008), o panorama geral revela alunos com dificuldades de escrita e compreensão de texto nas questões de Língua Portuguesa.

## Notas de corte de Pedagogia estão entre as mais baixas

Isso se materializa nas notas de corte dos vestibulares. No maior do país, o da Fundação Universitária para o Vestibular (Fuvest), dos 13 cursos com menor nota de corte em 2010, quatro são Licenciaturas, e duas, disciplinas da Educação Básica. Pedagogia não fica nada distante: para o curso oferecido no campus de São Paulo, a nota mínima exigida para a segunda fase foi apenas 1 ponto acima das carreiras mais fáceis.

“Em resumo, os futuros professores são estudantes que, principalmente pelas

restrições financeiras, tiveram poucos recursos para investir em ações que lhes permitissem acesso a leitura, cinema, teatro, eventos, exposições e viagens”, afirma o relatório final da pesquisa FVC/FCC. Entretanto, em vez de culpar os futuros docentes por suas deficiências, o caminho é potencializar as características produtivas desses jovens – a luta pela ascensão social por meio da profissão – e auxiliá-los a superar suas limitações. “Eles querem demais aprender e têm respeito pela profissão de professor”, diz Alda Judith Alves Mazzotti, especialista em Psicologia Educacional e professora da Universidade Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. Garantir uma formação inicial e continuada que cubra as lacunas de repertório dos candidatos à sala de aula é um dos caminhos para reverter o ciclo vicioso que produz poucos (e maus) professores.



SÉRGIO VICINES

## UM PERFIL PREOCUPANTE

Além das dificuldades econômicas, alunos dos cursos de Pedagogia e Licenciaturas chegam à universidade com poucas referências culturais.

Os futuros professores do Brasil\*



FOTO DEBÉLIO ILLUSTRAÇÃO DANIELA DOMINGUES

\* Entre os alunos do último ano de Pedagogia e Licenciaturas. Fonte: Questionários socioeconômicos do Enade de 2005.

## Aprender com os alunos

“ Escolhi Pedagogia porque sempre gostei de ir à escola. Hoje, o que mais me motiva é a possibilidade de troca com as crianças. Aprendo muito com os pequenos. É claro que não dá para negar que a profissão está desvalorizada. Os salários são baixos, e as condições de trabalho, ruins, mas o mais problemático é que a Pedagogia é tida como um curso menor mesmo nas melhores universidades. Acredito que existam estudantes que se graduem apenas para ter um diploma de formação superior sem pensar em ser professores. ”

FLORA BAZZO SCHMIDT, 22 anos, aluna de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em Florianópolis

# Caminhos para atrair os melhores

Painel de especialistas organizado pela Fundação Victor Civita aponta oito sugestões concretas para aumentar a atratividade da carreira docente. Propostas incluem recuperação salarial, melhoria nas condições de trabalho, revisão da formação e resgate do valor social da profissão

IVAN PAGANOTTI novaescola@atleitor.com.br

Os olhos dos melhores estudantes do Ensino Médio, os pontos negativos da carreira docente estão ofuscando suas vantagens. Mas o cenário não é irreversível. Para apontar saídas para a crise de atratividade, a Fundação Victor Civita (FVC) e a Fundação Carlos Chagas (FCC) reuniram, em novembro de 2009, um grupo de 17 especialistas de diversas áreas da Educação. O resultado foi um rico conjunto de ideias, resumidas em oito propostas práticas para tornar possível selecionar, formar e manter em sala de aula os jovens mais bem preparados.

## 1 Oferecer salários iniciais mais altos

A conta é simples: se a remuneração não compensar, os melhores candidatos vão buscar outras ocupações que exijam dedicação e nível de escolaridade semelhantes. No Brasil, a docência tem péssimas médias salariais em comparação com outras profissões (o rendimento médio de

um advogado, por exemplo, é três vezes maior). Em nível internacional, a situação é igualmente ruim: nossos professores ganham menos que os vizinhos da América Latina e muito menos que os colegas dos 30 países que compõem a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) (confira os números no gráfico na página seguinte). “Aumentar os salários é uma medida que faz sentido a longo prazo, pois aumenta a chance de trazer bons alunos para o Magistério”, resume o economista Naércio Menezes Filho, da Universidade de São Paulo (USP) e do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper). Outra necessidade é tornar todas as etapas de ensino financeiramente atraentes, especialmente a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (leia mais no quadro da página seguinte).

**De quem depende a ação** União, estados e prefeituras.

**Custo** Alto.

**Tempo estimado** Longo prazo.

**Onde deu certo** Noruega. O país continua atraindo bons profissionais com salários competitivos desde o início da carreira docente.

## 2 Montar bons planos de carreira

Em geral, carreiras docentes têm uma progressão burocrática, baseada quase exclusivamente no tempo de serviço. Outro caminho é se tornar coordenador, diretor ou formador – o que tira bons profissionais da sala. A solução é criar caminhos para o docente evoluir sem abandonar o Magistério.

**De quem depende a ação** Secretarias de Educação.

**Custo** Alto.

**Tempo estimado** Médio prazo.

**Onde deu certo** Cingapura. O governo criou diferentes níveis de carreira para premiar os professores que assumem mais responsabilidades em suas escolas ou investem na autoformação.

## 3 Melhorar as condições de trabalho

A falta de condições engloba tanto a estrutura material da escola como a dinâmica do ambiente escolar (as relações entre alunos, professores, funcionários e comunidade). Isso envolve, por exemplo, a questão da violência, uma das responsáveis por fazer o local de trabalho ser visto como um problema pelos possíveis candidatos. Nesse contexto, um papel importante cabe ao diretor, capaz de lutar para melhorar tanto a estrutura material da escola como a convivência do lado de dentro dos muros. O governo, por sua vez, deve destinar recursos suficientes para a manutenção contínua e trabalhar na reorganização da carga horária, oferecendo tempo para planejamento e avaliação e reduzindo a rotatividade.

**De quem depende a ação** Secretarias de Educação e gestores escolares.

**Custo** Alto para a manutenção e baixo para a mudança de práticas de gestão.

**Tempo estimado** Longo prazo.

**Onde deu certo** Canadá. Professores contam com horário remunerado de planejamento e apoio de técnicos de informática e especialistas em Pedagogia.

## 4 Focar a formação em serviço nos problemas reais

Segundo os especialistas ouvidos pela FVC, não se trata de gastar mais com formação continuada, mas investir melhor os recursos. Em vez de apostar em treinamentos externos em universidades e outras instituições, a solução passa por planejar a formação continuada dentro da própria escola – ou integrando docentes de instituições próximas com dificuldades semelhantes. “É a melhor forma de mudar a cultura de uma escola e orientar a equipe para enfrentar problemas específicos”, diz Bernardete Gatti, pesquisadora da FCC e supervisora do estudo.

### Remuneração ainda é baixa



TATIANA CARDEAL

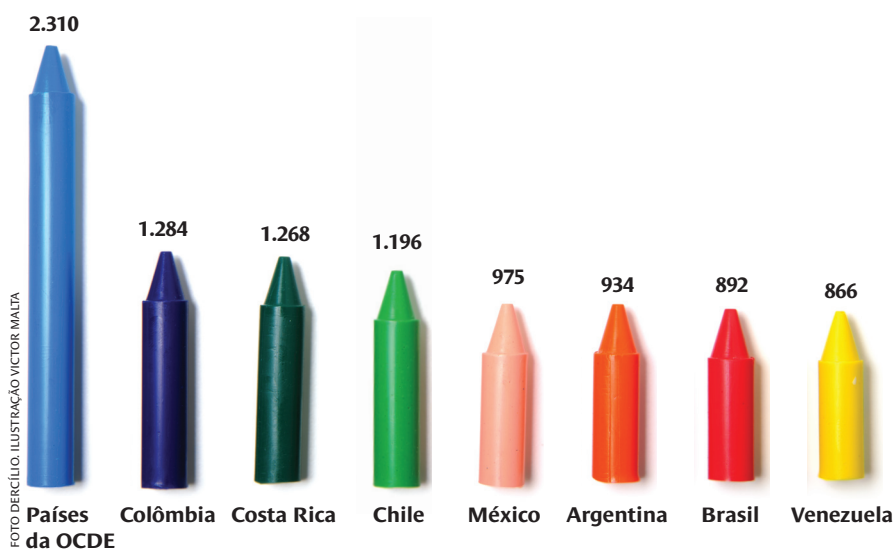
“A baixa atratividade passa pela questão salarial. O piso proposto pelo governo federal, que neste ano será de 1.024 reais para 40 horas, me parece positivo para começar a reverter o quadro. Mas é preciso considerar que a maior parte dos professores trabalha no máximo 25 horas e que mais da metade não ganha nem 900 reais por mês. Além disso, como os aumentos de salário têm impacto grande no orçamento, deve-se privilegiar a recuperação salarial dos profissionais da Educação Básica.”

**BERNARDETE GATTI**, pesquisadora da Fundação Carlos Chagas e supervisora da pesquisa FVC/FCC.

### POUCO, SOB QUALQUER ASPECTO

Na comparação salarial com os colegas da América Latina, os docentes brasileiros perdem – e estão muito longe dos países desenvolvidos.

Salários mensais médios (em dólares PPP)



Fontes: *La Inversión Educativa en América Latina y el Caribe* e *Education at a Glance 2007*. Dados de 2005. Obs: o dólar PPP (poder de paridade de compra) é um fator de conversão que considera o poder de compra da moeda no país e não o câmbio.

## Mexer na caixa-preta da graduação



“Hoje existe uma grande distância entre o que é oferecido durante a formação e os conhecimentos exigidos nas salas de aula. Os recém-formados não se sentem confortáveis para lidar com essa profissão, que exige tanto. É uma maldade colocá-los na condição de professor sem o preparo para abordar os conteúdos que precisam ensinar. Temos de mexer na caixa-preta da formação, dando ênfase às didáticas específicas que ajudem os profissionais a responder às demandas dos alunos.”

MARIA AUXILIADORA SEABRA REZENDE, ex-presidente do Conselho Nacional de Secretários de Educação (Consed)

**De quem depende a ação** Secretarias municipais e estaduais de Educação, universidades e gestores escolares.

**Custo** Médio (o essencial é repensar o direcionamento dos recursos).

**Tempo estimado** Médio prazo.

**Onde deu certo** No interior de São Paulo. Com o auxílio da equipe da Universidade Estadual Paulista (Unesp), coordenadores e professores passaram a elaborar planos de ação para atacar os principais problemas de sua escola.

### 5 Oferecer uma boa experiência escolar

Embora não garanta a atratividade pela carreira, uma vivência positiva na escola – aprender sempre e ter uma boa relação com professores e colegas – aumenta as chances de o aluno considerar a docência como profissão. “Muitos estudos destacam a influência positiva de um docente-

modelo. Se queremos melhorar a atratividade, precisamos melhorar a escola pública porque é de lá que vem a maioria dos novos professores”, afirma Marli Eliza de André, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

**De quem depende a ação** Professores, gestores, governo e comunidade.

**Custo** Difuso (é um subproduto do investimento nas demais outras ações).

**Tempo estimado** Médio prazo (para que algumas das iniciativas comecem a ter efeito na sala de aula).

**Onde deu certo** Finlândia. Grande parte do elevado status da profissão se deve aos excelentes resultados do ensino.

### 6 Melhorar a formação inicial

Um professor bem formado valoriza a profissão, é mais seguro em relação a seus saberes específicos e tem menos chance

de abandonar a carreira frustrado por não ajudar os alunos a avançar. As deficiências de formação, que começam na Educação Básica, se aprofundam nas Licenciaturas e nos cursos de Pedagogia – que deveriam tomar para si a responsabilidade pela ampliação do universo cultural dos futuros docentes. Segundo dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade), apenas 3% dos cursos de graduação em Pedagogia conquistaram o conceito máximo (nota 5). Além disso, apenas 28% das disciplinas dos cursos se referem à formação profissional específica, conforme revelou pesquisa da FCC para NOVA ESCOLA (leia mais no gráfico da página seguinte). A mudança passa pela transformação dos currículos da graduação, com o combate ao encurtamento do tempo de formação e a abertura de mais espaço para as didáticas específicas e as necessidades da Educação Básica (como se vê no quadro ao lado).

**De quem depende a ação:** Ministério da Educação (MEC) e faculdades.

**Custo** Baixo (para reforçar a atuação das comissões que fazem a avaliação dos cursos superiores no país).

**Tempo estimado** Médio prazo.

**Onde deu certo** Inglaterra. Além de fiscalizar e fechar instituições que não garantem formação adequada, o país exige experiência prática para o novo docente entrar em sala de aula.

### 7 Resgatar o valor do professor na sociedade

Por mais evidentes que sejam os problemas relacionados à docência, é necessário tentar equilibrar a cobertura da mídia sobre a precariedade do sistema de ensino brasileiro com o que a profissão tem de bom. Pouco adianta só focar os problemas, ora culpando o professor, ora tratando-o como vítima, sem apontar saídas para superar as dificuldades. “Existem,

sim, docentes satisfeitos e realizados, que fazem um ótimo trabalho. Mas isso pouco aparece”, lembra Bernardete. É preciso planejar formas de reverter a imagem negativa – e isso pode ser feito não só por meio de propaganda institucional. Uma alternativa é ampliar a divulgação dos prêmios que já existem, disseminando iniciativas que merecem reconhecimento e podem ser adotadas como modelo.

**De quem depende a ação** Mídia, governo, sindicatos e outras organizações representativas dos professores.

**Custo** Baixo.

**Tempo estimado** Médio prazo (a propaganda é imediata, mas precisa ser fundamentada em iniciativas concretas, o que leva mais tempo).

**Onde deu certo** Inglaterra, onde campanhas de marketing foram criadas com foco no estímulo intelectual e nas vantagens salariais da carreira, e Estados Unidos, onde os programas Teach First e Teach for America construíram uma imagem positiva de seus participantes ao destacá-los em relação à média dos professores.

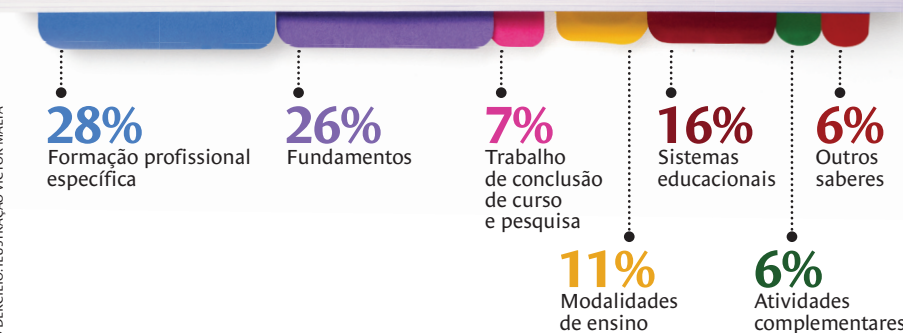
### 8 Tratar o professor como profissional

Como mostra a pesquisa FCC/FVC, há a percepção disseminada entre os jovens de que a docência exige um dom e um sacrifício próximos do sacerdócio e que,

## FORMAÇÃO QUESTIONADA

Poucos cursos de Pedagogia têm boa qualidade. Na maioria dos currículos, a prática de sala de aula é pouco abordada.

### Distribuição curricular das disciplinas nas graduações



Fonte: Pesquisa FCC/NOVA ESCOLA 2008.

para exercê-la, bastam cuidado, atenção, paciência e boa vontade – sobretudo nos anos iniciais. “Essa visão deixa de fora toda a complexidade da profissão, que requer aperfeiçoamento teórico, aprendizagem e criatividade”, afirma Maria Eveline Pinheiro Villar de Queiroz, da Universidade Católica de Brasília (UCB). É preciso reforçar os saberes específicos que o profissional possui: o conhecimento didático e o controle das ferramentas pedagógicas. Essa tarefa exige uma participação ativa das universidades por meio de uma redefinição curricular que enfatize essas especificidades. Mas a profissio-

nalização também requer uma carreira sólida, baseada no reconhecimento do que os professores sabem como forma de garantir o respeito da sociedade.

**De quem depende a ação** Secretarias de Educação e universidades.

**Custo** Baixo para fiscalizar os cursos superiores e alto para implementar as carreiras atraentes.

**Tempo estimado** Longo prazo.

**Onde deu certo** Coreia do Sul. Nas universidades, o foco da formação é a prática em sala de aula. Com salários altos e três meses de férias anuais, a carreira é respeitada e cobiçada.

Fundador: VICTOR CIVITA (1907-1990)  
 Presidente: Roberto Civita  
 Diretora Executiva: Angela Dannemann  
 Conselheiros: Roberto Civita, Giancarlo Francesco Civita, Victor Civita, Roberta Anamaria Civita, Maria Antonia Magalhães Civita, Claudio de Moura Castro, Jorge Gerdau Johampeter, José Augusto Pinto Moreira, Marcos Magalhães e Mauro Calliari

EDIÇÃO ESPECIAL  
 “ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE NO BRASIL”

Patrocínio

Diretor de Redação: Gabriel Pillar Grossi  
 Diretora de Arte: Manuela Novais  
 Coordenadora Pedagógica: Regina Scarpa  
 Editor: Rodrigo Ratier  
 Designer: Victor Malta  
 Gerente de Projetos: Mauro Morellato  
 Analista de Planejamento e Controle Operacional: Kátia Gimenes  
 Processos Gráficos: Vitor Nogueira  
 Colaboraram nesta edição: Fernanda Salla e Ivan Paganotti (repórteres) e Paulo Kaiser (revisor)

A edição especial ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE NO BRASIL é uma publicação da área de Estudos e Pesquisas da Fundação Victor Civita. NOVA ESCOLA não admite publicidade redacional.